

## **Uma discussão inicial sobre modelos de solvência de seguradoras**

Francisco Galiza, Mestre em Economia (FGV)

*Janeiro/2004*

No último mês de novembro, a ANSP (Academia Nacional de Seguros e Previdência) promoveu, com o apoio da Susep e da Funenseg, um seminário no Rio de Janeiro, onde os principais modelos de solvência de seguradoras existentes no mundo foram analisados, comparando-os com o atualmente aplicado no mercado brasileiro. Este encontro teve, além de proporcionar o enriquecimento intelectual de todos os participantes, um objetivo bastante prático. O material, produzido ao final, servirá para as discussões deste assunto no âmbito das Comissões Técnicas, criadas pela Susep.

Embora este seja um assunto eminentemente teórico, restrito naturalmente aos especialistas, ele afeta diretamente o mercado de seguros brasileiro e seus interessados por, pelo menos, dois motivos. Primeiro, as regras implantadas vão determinar o grau de insolvência que o sistema vai trabalhar. Por exemplo, a quantidade de empresas que vai poder ter algum tipo de problema por ano. Qual o número aceitável? Um segundo ponto, estritamente ligado ao primeiro, se refere ao grau de competição desejável. Aqui, estamos em um problema clássico que, em engenharia, se chama de "ponto ótimo ou de equilíbrio). Ou seja, por um lado, regras muito flexíveis permitem um aumento de competição, com novas opções para o consumidor, o que é um aspecto positivo. Este crescimento no número de seguradoras (muitas delas com pouco preparo), entretanto, pode levar a um aumento na taxa de insolvência. O inverso é naturalmente válido – regras muito exigentes levarão a uma diminuição no grau de competição. Aqui, o desafio é encontrar o meio-termo ideal.

Em termos didáticos, pode-se separar os modelos de solvência em dois grandes grupos, como indica a tabela 1. Por um lado, os modelos de taxas fixas ("fixed ratio"), de fácil entendimento; por outro, os modelos que usam taxas variáveis, calculadas especificamente a partir do risco de cada seguradora (modelo conhecido como "risk based capital").

Tabela 1 – Modelos de Solvência de Seguradoras

<b>Modelos</b>	<b>Fixed Ratio</b>	<b>Risk Based Capital</b>
Descrição	Fórmula baseada na fixação de proporções para os fatores de risco (prêmios, sinistros, provisões, patrimônio líquido, etc)	Calcula o capital requerido considerando o tamanho e a exposição do risco de cada seguradora
Vantagens	Simplicidade, baixo custo e fácil entendimento	Captura diversas categorias de risco, o que torna a análise mais objetiva e precisa
Desvantagens	Percentuais arbitrários, só leva em conta o aspecto das operações de seguros, sem levar em conta o perfil de risco de cada companhia	Resultado pode ser de difícil compreensão para a sociedade, teoricamente mais complexo
Países	Mercosul e Comunidade Européia	EUA, Canadá e Japão

Nesta tabela, temos as características principais dos mesmos.

Este é um desafio importante para o mercado brasileiro nos próximos anos.